

## **Quebrando o paradigma de um desenvolvimento pobre e abstrato**

**Rosa Lidia Pacheco Pontes - rlpp@uol.com.br<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Este ensaio traz como tema a questão da insustentabilidade decorrente do avanço técnico-científico que separa o homem/razão da natureza/emoção, provocando uma cisão da humanidade para consigo mesma, para com seus semelhantes e com todo o planeta. Traz a tragédia da explosão nuclear da usina de Chernobyl vivida a partir da destruição de Prypiat - primeira cidade nuclear da Ucrânia, em 1986. Utiliza o referencial teórico de Jacob Levy Moreno para evidenciar o poder da vivência sociodramática para uma verdadeira aprendizagem, articulando as ideias do autor às percepções absorvidas pela autora em sua visita a Prypiat, onde viveu as emoções do cenário de perdas e constatou a prejudicial onipotência dos seres humanos.

**Palavras chave:** Chernobyl, sustentabilidade, sociodrama.

### **O contexto**

Prypiat, 07/01/2020, silêncio total, silêncio mortal...

Prypiat foi fundada em fevereiro de 1970, a 100 km de Kiev. Por ser servida por uma ferrovia e estar localizada às margens de um rio que lhe garantia o abastecimento de água, fez parte do início do programa nuclear da União Soviética, que tinha como objetivo a produção de energia elétrica e o enriquecimento de urânio e plutônio para fins bélicos. Foi a primeira cidade nuclear da Ucrânia ficando a 3 km de Chernobyl.

---

<sup>1</sup> Rosa Lidia Pacheco F. Pontes. Psicóloga. Psicodramatista. Professora e supervisora de psicodrama nos focos psicoterápico e socioeducacional. Psicoterapeuta de alunos. Especialista em Psicologia Clínica e Organizacional. Mestre em Educação.

Era uma cidade de porte médio, moderna, contando com escolas, hospital, cinema, clubes, academias, correio, restaurantes, supermercados, escolas, faculdade, creches, enfim toda uma infraestrutura que atraiu cerca de 50000 pessoas, em sua maioria jovens trabalhadores. Nasceram lá cerca de 1000 bebês por ano.

A vida de Prypiat, no entanto, foi curta, pouco mais de 16 anos. Em abril de 1986 ocorreu o grande acidente na usina nuclear. A explosão liberou uma potência considerada muitas vezes maior que a de Hiroshima (não se tem um dado confiável) chegando a 1000 metros de altura. Os responsáveis pela usina, sem saber como lidar, acionaram o corpo de bombeiros que contava com 186 homens, que, sem proteção, chutavam material radioativo e tentavam debelar o fogo com água. Vários focos foram controlados, mas a fumaça continuava contaminando tudo. Estes homens foram levados para hospitais em Moscou e morreram em menos de 2 semanas.

Ainda sem compreender totalmente a magnitude do desastre, a população de Prypiat foi retirada apenas dois dias depois, tendo levado até então vida normal, ignorando o perigo que corria. Os moradores deixaram suas casas apenas com poucos pertences acreditando que logo retornariam.

A situação somente foi compreendida como fora de controle quando a fumaça radioativa começou a atingir os países da Europa, chegando no início de maio até o Japão, Índia e Canadá. Só então, a União Soviética recorreu a cientistas de outros países para procurar soluções, uma vez que havia a ameaça do problema atingir outras usinas lá mesmo em Chernobyl, cuja explosão poderia significar a destruição de metade da Europa. Durante 7 meses 500.000 homens trabalharam evitando uma segunda explosão.

É difícil estabelecer o custo econômico total do desastre. Segundo o então presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachov, foram gastos o equivalente a 41,1 bilhões de dólares (em valores atuais) no processo de confinamento e descontaminação, o que praticamente faliu o país. Em 2005, o custo total em 30 anos somente para a Bielorrússia foi estimado em cerca de

301 bilhões de dólares, sem contar com os custos contínuos principalmente relacionados ao pagamento de benefícios sociais pagos a mais de 7 milhões de pessoas.

Uma área que se estende por 30 quilômetros em todas as direções da usina é oficialmente chamada de zona de exclusão. Autoridades ucranianas estimaram que a área não voltaria a ser segura para a vida humana por mais 20.000 anos. No entanto, em 2016, 187 ucranianos locais retornaram e passaram a viver permanentemente na zona, apesar da radiação ainda presente.

Durante as estações secas, existe uma constante preocupação de que as florestas contaminadas peguem fogo, espalhando material radioativo para além da zona de exclusão, através da fumaça.

Em 2011, a Ucrânia abriu a zona selada em torno do reator de Chernobyl para turistas que desejam aprender mais sobre a tragédia que ocorreu em 1986. Diante dessa oportunidade, fiz uma visita ao local, em janeiro de 2020. A partir do cenário descrito acima, compartilho os sentimentos que essa realidade despertou em mim e as reflexões a que levou a respeito de como os seres humanos vêm se relacionando consigo mesmos, com os próximos, com a natureza, e consequentemente com as gerações futuras.<sup>2</sup>

### **Os sentimentos**

Entrar em contato com uma cidade que um dia foi cheia de vida e que teve que ser inesperadamente abandonada na esperança de um breve regresso, mexe com os sentimentos mais humanos de pertencimento e perda: uma creche com livros, cadernos, brinquedos, banheiros infantis e caminhas; uma casa com sua cozinha, mesa, fogão e utensílios; um parque de diversões com bilheteria, carrinhos bate-bate e roda gigante; um clube com uma enorme piscina olímpica para saltos. Impressiona ver quanta vida foi destruída e ficou para trás.

---

<sup>2</sup> Nota da autora: Os dados aqui resumidos são frutos de informações coletadas durante a excursão realizada, e de documentários assistidos antes e depois da viagem. Aos interessados algumas destas fontes serão citadas ao final do trabalho.

Quantas perdas: a casa com seus pertences, brinquedos, documentos; a cidade com referências, histórias; o trabalho com as realizações e frustrações, o ganha pão; o lazer, os amigos, os parentes. Quantos papéis também se perderam, levando a identidade de tantos indivíduos e famílias. Em toda a região, ficará um solo que não mais será aproveitado, habitado, cultivado.

Como se chegou a essa situação? Para o conforto humano havia a necessidade de produção de energia elétrica. Para defender as fronteiras era necessário armamento cada vez mais potentes e eficientes, para fazer frente ao inimigo, cada vez mais poderoso. E para suprir essas necessidades utilizou-se a ciência, o desenvolvimento do conhecimento, e a manipulação da natureza, sem preocupação com o desconhecimento das consequências dessas ações. Chegou-se assim à insustentabilidade.





**Figuras – cenas da cidade após o desastre e o necessário abandono.**  
**Fonte: Arquivo pessoal – janeiro de 2020**

### **A relação do homem com o conhecimento**

Durante a idade média o teocentrismo era a doutrina que dominava o mundo. A religião e a ideia de que Deus era o centro do universo e exercia poder absoluto. Com as descobertas revolucionárias na física e na astronomia, a visão de mundo deixou de centrar-se em Deus, passando a ter como foco a máquina.

As consequências de todas estas mudanças na visão de homem e de mundo que se expressou no mecanicismo fizeram-se sentir fortemente: todo o desenvolvimento técnico-científico atual de que a humanidade vem desfrutando é proveniente do conhecimento desta forma obtido, tendo resultado em grandes progressos em todas as áreas do conhecimento das ciências naturais, com grandes benefícios para a humanidade, trazendo, no entanto também, aspectos bastante nefastos, na medida em que fracionou a visão de totalidade, e que valorizou os aspectos externos das experiências, desqualificando as vivências internas dos indivíduos, fundamentando-se apenas na razão e nas sensações.

A passagem de uma visão teocêntrica para uma visão antropocêntrica resultou em uma percepção do homem como senhor do universo, com poderes de transformar e explorar a natureza a seu serviço. O afastamento do homem da natureza e sua relação dominadora para

com a mesma têm levado a graves problemas ecológicos de dimensões ainda não previstas, colocando em risco não apenas a vida humana, mas de todo o planeta.

A tecnologia que serviu de base para a revolução industrial não somente afastou cada vez mais o homem da natureza, mas, conseqüentemente de Deus. O poder foi sendo gradualmente transferido da dimensão espiritual para a material, de Deus para o dinheiro, permitindo cada vez mais o acesso ao conforto e bem-estar, mas simultaneamente ao vazio. Esta transferência de poder levou como consequência à competitividade, alterando as relações do homem consigo mesmo e com os outros, levando a mudanças sociais, políticas e culturais.

O desenvolvimento tem dois aspectos. Por um lado, é um mito global em que as sociedades industriais atingem o bem-estar, reduzem as suas desigualdades extremas e proporcionam aos indivíduos o máximo de felicidade que uma sociedade pode dispensar, por outro lado, é uma concepção redutora, em que o crescimento econômico é o motor necessário e suficiente de todos os desenvolvimentos sociais, psíquicos e morais. Esta concepção técnico-econômica ignora os problemas de identidade, da comunidade, da solidariedade e da cultura. Assim a noção de desenvolvimento continua gravemente subdesenvolvida. A noção de subdesenvolvimento é um produto pobre e abstrato da noção pobre e abstrata de desenvolvimento. (Morin e Kern como citado em Petraglia, 1995, p. 63)

A humanidade vem errando muito em sua busca de felicidade e bem-estar através deste conhecimento mutilado que privilegia a razão em detrimento da emoção, que busca resultados imediatos sem uma avaliação mais comprometida com as conseqüências relacionais e afetivas dos seres humanos.

A custa destes erros, uma minoria, e é sempre assim que um movimento se inicia, começa a questionar este modelo, e surge o conceito de sustentabilidade na década de 70. Somente 20 anos depois inicia se um movimento maior pelo chamado desenvolvimento sustentável. Atualmente o termo já começa a surgir em rodas de conversas, em projetos de escolas e na preocupação de algumas empresas, no entanto, o desenvolvimento dos países continua a ser medido por meio do crescimento da produção que se dá através da exploração dos recursos naturais. Faz se necessária uma mudança de paradigma, uma nova forma de pensar,

de sentir e de agir, uma nova forma de relacionamento consigo mesmo, com o outro e com o planeta. Trata-se de uma conscientização, que é um processo longo e difícil.

### **O Homem como cocriador do universo**

O homem deve tomar seu destino e o destino do universo em suas mãos, à altura da criatividade, como um criador. Não é suficiente que ele procure enfrentar a situação por meio de controles técnicos (armas defensivas) nem de controles políticos (um governo mundial). Ele precisa encarar se a si mesmo e a sua sociedade em *status nascendi*. (Moreno como citado em Marineau, 1992, p. 129).

Eu sou Deus, o Pai, o criador do Universo. (Moreno, 1992, p. 37).

Jacob Levy Moreno entendia que uma das maiores tarefas da atualidade seria o reencontro de uma posição para o homem no universo. Compreendia que a religião vinha servindo ao propósito de, como diz o próprio termo, ligar, tudo reunir, criar a imaginação de um universalismo cósmico em que Deus era o grande responsável. Com a passagem de uma visão teocêntrica para uma perspectiva antropocêntrica, os valores passaram a ser centrados no âmbito do indivíduo e dos aspectos sócio – econômicos, e o ser humano se viu perdido em relação ao seu próprio destino e de todo o universo. Um de seus maiores dilemas é que “perdeu a fé em um ser supremo e, muitas vezes, em qualquer sistema superior de valores como guia para sua conduta.” (Moreno como citado em Fox, 2002, p. 43).

Desde tempos imemoriais, o homem tentou compreender sua posição no universo mais amplo, e, se possível, controlar o fenômeno que determina esta posição – evolução, nascimento, morte, sexo, e a função do próprio Criador do mundo. Para fazer isso, o homem inventou, no passado, religiões, mitos, fábulas. Submeteu-se a forte organização, a fim de sujeitar-se às leis do universo como ele as concebia. As leis de Buda, os dez Mandamentos de Moisés, os numerosos rituais de várias culturas primitivas, todos são testemunhos da profunda ansiedade do homem para sujeitar-se a um sistema de valores invisível. (Moreno, 1970, p.02)

Ao propor que o poder criador não estaria fora, mas dentro de cada ser humano, Moreno entendeu o homem como um ser cósmico, um ser que, por seu potencial criativo deveria ser compreendido como co-construtor de todo o universo e conseqüentemente por ele responsável.

O homem é um ser cósmico; é mais do que um ser psicológico, biológico e natural. Pela limitação da responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz – se dele um banido. Ou ele é também responsável por todo o universo, por todas as formas do ser e por todos os valores, ou sua responsabilidade não significa absolutamente nada. (Moreno, 1993, p. 15).

Pareciam estar implícitas em suas colocações uma crítica e uma insatisfação com a visão antropocêntrica irresponsável que vinha predominando naquele momento em que o homem, tido como senhor do universo, não assumia as consequências de suas ações.

A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa; é mais importante que a vida e a morte do indivíduo, como tipo de civilização, como espécie...Daí coloquei a hipótese de que o Cosmo em devir é a primeira e última existência e o valor supremo. Apenas ele pode atribuir sentido à vida de qualquer partícula do universo, seja o homem ou um protozoário. (Moreno, 1993, p. 15).

Nesta perspectiva, o homem não somente é compreendido como cocriador e corresponsável pelo mundo em que habita, mas também contém em si a responsabilidade de promover a religação dos seres do planeta.

Moreno já se preocupava com o homem moderno, situado em um mundo que oferece cada vez menos oportunidades para respostas livres e adequadas a estímulos novos, um mundo em que muitas das respostas sociais estão condicionadas por normas que bloqueiam a espontaneidade e restringem a capacidade de criação. Estava preocupado com a transformação do ser humano em mera peça de engrenagem, sem possibilidades de criar seu destino e contribuir verdadeiramente com a sociedade em que vive. “O futuro do mundo depende do contra armamento elaborado pela sociometria e sociatria.” (Moreno como citado em Marineau, 1992, p. 129).

O homem, compreendido como cocriador e corresponsável pelo universo, por seu potencial criativo, era também definido por Moreno como um ser relacional, que necessita de outro para viver e sobreviver e, nesta medida, também, como corresponsável pela promoção da religação, do tudo reunir, do criar um universalismo cósmico em que Deus não fosse mais tido como o grande responsável.



Como bem coloca Marineau (1992), a base da filosofia de Moreno sempre esteve na importância da expressão dos recursos espontâneos e criativos de cada indivíduo em um mundo em que cada um é parte de um grupo, de uma entidade social e que, nesta medida, necessita desenvolver um diálogo significativo consigo mesmo e com o outro, um diálogo que dá origem ao conceito de encontro com a implicação de responsabilidade social. Uma filosofia de que eu sou o deus criador e que todos são deuses criadores.

### **A construção de novas relações e respostas**

Para que a tomada de consciência em relação a sustentabilidade aconteça, e no tempo necessário, para que a sociedade comece a trabalhar com a possibilidade de gerar crescimento econômico e conforto com o menor desgaste ou poluição ambiental possível, suprimindo as necessidades atuais sem o comprometimento das futuras gerações, faz-se necessária uma mudança de paradigma que implica em uma transformação relacional dos indivíduos consigo mesmos, com os demais, com o planeta, com a percepção de seus limites e de sua falibilidade, repensando sua relação com o dinheiro e a noção de lucro, bem como com a noção de morte - não somente de indivíduos ou sociedades, mas do mundo em que habitam. E isto não é pouca coisa, tanto do ponto de vista intelectual quanto emocional. A utilização dos meios tradicionais como textos, palestras, que são tradicionalmente utilizados parecem não serem rápidos e eficientes o suficiente para dar conta de preparar um novo homem, na medida em que trabalham apenas com a dimensão racional dos seres humanos. A mudança precisaria ter começado ontem. Muito estrago já vem acontecendo: o aquecimento global e suas consequências climáticas, que repercutem na fauna e na flora, não são mais novidades, enchentes e secas, queimadas, a poluição dos rios e mares com a consequente morte e extinção de espécies aquáticas que se refletem tanto na alimentação de populações ribeirinhas quanto em seus ganha-pão, no

rompimento de barragens criando verdadeiros mares de lama que engolem cidades inteiras, até na mudança de horário do canto dos sabiás em grandes cidades, como ocorre em São Paulo.

Os métodos pedagógicos frequentemente utilizados, mesmo os mais recentes, que se propõem a realizar um processo ensino-aprendizagem reflexivo, parecem refletir o paradigma dominante, ao utilizarem-se apenas de parte do potencial humano, ao restringirem-se a seus aspectos racionais, à sua dimensão cognitiva, ao cindirem corpo e mente, pensamento e ação. Além do questionamento quanto à sua efetividade, no que diz respeito a quaisquer que sejam os temas a que se propõem ensinar, a situação parece apresentar-se mais crítica, quando se refere às suas adequações, ao se propor a tão difícil tarefa.

Se, de acordo com Morin, a concepção de *homo sapiens-faber-economicus*, a que se pretende muitas vezes reduzir o ser humano, somente vê seres realistas, ocultando todo seu imaginário (que representa 98% do funcionamento de seu sistema cerebral) (Morin, 2003, p. 131); se a racionalidade jamais aparece isolada e é frequentemente encoberta, contaminada e manipulada pela afetividade que está sempre presente; se, segundo o mesmo autor, a afetividade é o elo entre o *homo sapiens* e o *homo demens*, sendo que, da mesma forma que pode embaçar o conhecimento tanto do si mesmo, quanto do outro e do mundo, pode também iluminá-lo; e se também, conforme Morin coloca, a realidade humana deve ser compreendida como uma simbiose entre o racional e o vivido, em que o imaginário muitas vezes transgride os limites de espaço e tempo e pode misturar-se à realidade sem que os indivíduos se deem conta, podendo abrir portas às loucuras do *homo demens*, mas também conduzir à “fantástica inventividade e criatividade do espírito humano...” (Morin, 2003, p. 132); parece poder se concluir que um método de ensino / aprendizagem mais efetivo, principalmente no que diz respeito às relações do homem consigo mesmo, com o outro e com o universo, não pode basear-se somente na racionalidade. Deve contemplar o indivíduo indiviso, como ser complexo que é.

Se Moreno compreendia a necessidade de um trabalho de ensino / aprendizagem que fosse focado no desenvolvimento da espontaneidade e do fator tele, com as implicações de um trabalho de auto - conhecimento e de conhecimento do outro que propiciasse a revisão de conservas culturais, tanto ao nível de valores culturais mais amplos, como de um aprendizado emocional – relacional, envolvendo a racionalidade e a afetividade, abrindo caminhos para a criação inerente ao ser humano tanto do ponto de vista do conhecimento, quanto das relações; se compreendia que o aprendizado, para ser mais eficaz, deveria ser realizado também através da ação, reunindo corpo e mente, pensamento e ação, o Psicodrama parece poder fornecer contribuições a uma educação fundamentada em um novo paradigma, na medida em que sua proposta inclui métodos coerentes com o referencial de homem complexo proposto por Morin.

### **O poder da vivência sociodramática**

O sociodrama, inserido no Sistema Socionômico de Moreno, constitui-se em um dos métodos da Sociatria. Pode ser definido como um método psicopedagógico de trabalho, apropriado à facilitação da aprendizagem de papéis, ideias, conceitos e atitudes.

Em uma vivência sociodramática, o sujeito é o grupo e o papel a ser trabalhado é aquele que corresponde aos objetivos, finalidades e critérios pelos quais os participantes se reúnem.

O trabalho sociodramático pode ser originado a partir das necessidades expressas pelo grupo no “aqui e agora” da situação, onde o tema a ser desenvolvido na vivência, emerge no momento, a partir da interação dos participantes; ou pode ser tematizado, situação em que o tema é previamente definido a partir das necessidades do grupo que foram anteriormente diagnosticadas, e dos objetivos do coordenador. Em ambos os casos, no entanto, não existe um *script* anteriormente definido. A partir da eleição do tema, o desenrolar do drama é de criação grupal.

Sendo uma criação grupal, todos os participantes estão igualmente envolvidos, sendo corresponsáveis pelo resultado, o que já implica necessariamente em um aprendizado de trabalho de troca de experiências, de respeito pelas opiniões, valores e sentimentos do outro.

A partir da ação, a vivência sociodramática permite o esclarecimento de valores e sentimentos muitas vezes em estado inconsciente nos participantes de forma individual, ou no grupo como um todo. A ação resultante da criação de cenas, de imagens corporais, ou da participação em jogos dramáticos possibilita a percepção de si mesmo e do outro no papel, bem como a percepção do contra papel ou papel complementar, o que em última análise, significa dizer, que permite a experimentação de novas respostas, o desenvolvimento da espontaneidade – criatividade, e consequentemente a inversão de papéis. Equivale a dizer que através da ação dramática, pode ser realizado um trabalho autocrítico que propicia o desvelar e a crítica de *imprintings* responsáveis por erros e distorções perceptuais, que muitas vezes estão por trás de dificuldades relacionais; que possibilita a identificação dos próprios valores e sentimentos do indivíduo, criando condições necessárias à identificação com o outro e, consequentemente, da compreensão; e ainda, que facilita o entendimento de que ao nível relacional, como em todo e qualquer conhecimento e interação, não existem certezas, respostas certas ou erradas. Trata-se de um método que procura lidar com o homem em todas suas dimensões, procurando reunir razão e emoção, corpo e mente, pensamento e ação, o prosaico e o poético.

Em relação à sustentabilidade, a proposta seria a realização de grupos temáticos, nos quais os participantes pudessem eleger a partir de suas necessidades no “aqui e agora” objetos, ou situações a serem incrementadas e vivenciadas, a partir de suas interações. Através deste método, sentimentos e valores aflorariam e os casos escolhidos poderiam ser realmente vivenciados com toda a carga racional e emocional que contivessem. O que é sentido dificilmente é esquecido.

Na visita a Pripyat vivi as emoções do cenário, senti as perdas, percebi a onipotência dos seres humanos e a irresponsabilidade na manipulação da natureza. Aprendi o que nenhum livro, artigo ou documentário poderia ter me ensinado, e creio que uma vivência sociodramática pode ter este mesmo poder.

Como Paulo Freire bem colocava:

É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. (Freire, 2002, p. 10)

## **Referências**

- Fox, J. (2002). O Essencial de Moreno: textos sobre Psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade. São Paulo: Agora.
- Freire, P. (2002). Professora Sim, Tia Não: cartas para quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água.
- Marineau, R. F. Jacob (1992). Levy Moreno, 1889-1974: Pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1970). Psiquiatria do século XX - Função dos universais: tempo, espaço, realidade, cosmos. Coleção As grandes sínteses. Rio de Janeiro: CEPa.
- Moreno, J. L. (1993). Psicoterapia de Grupo e Psicodrama. Campinas: Editorial Psy.
- Moreno, J. L. (1992). Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama, Goiânia: Dimensão.
- Moreno, J. L. (1992). As Palavras do Pai. Campinas: Editorial Psy.
- Morin, E. (2003). A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. (8ª ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Petraglia, I. (2002). Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber. (7ª ed). Petrópolis: Vozes.

Documentários disponíveis para maior conhecimento do desastre em Chernobyl:  
<https://www.chernobyl-tour.com/english/>

**Youtube:** *Chernobyl: A história Completa. Ciência todos os dias.* (7meses).

**Youtube:** *Documentário: O Desastre de Chernobyl.* Documentários World (6 anos)

**Youtube:** *Chernobyl: O antes e o depois. Você sabia?* (1 ano)

**Youtube:** *Chernobyl então e agora.* 30 anos depois.